

## OS SABERES TRADICIONAIS INDÍGENAS NAS PÁGINAS DE *O PATRIOTA*: *JORNAL POLÍTICO, LITTERARIO & MERCANTIL*<sup>1</sup>

### *Introdução*

O presente trabalho busca discutir as relações entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais indígenas no mundo intelectual letrado do século XVIII e XIX no Brasil a partir do periódico *O Patriota* (1813-1814).

*O Patriota* foi o primeiro periódico “oficial” a ser manufaturado pela Impressão Régia, suas publicações foram mensais no primeiro ano e bimestrais no ano seguinte (FERREIRA, 2007: 43). Suas dezoito edições são compostas por poemas, relatos de viagens, tratados de paz, traduções de textos europeus consagrados e memórias científicas, as quais tratam das mais variadas temáticas, como agricultura, mineração, medicina, botânica, dentre outras.

Vale salientar que o termo memória nesse contexto refere-se a textos científicos, que até meados do século XIX eram chamados de memórias. De acordo com Varela:

Nestes estudos chamados de Memórias, ou seja, como eram chamados os textos científicos até o século XIX, e que não dizem respeito a um “processo ou faculdade psicológica historicamente construída”, observa-se a primazia dos textos de caráter mineralógico, ainda que não somente exclusivos sobre esta temática. (VARELA, 2013:11).

Portanto, quando o termo memória neste trabalho é acionado, em termos contemporâneos estamos tratando dos artigos científicos do periódico aqui abordado. Em algumas das memórias que compõem este periódico são encontradas descrições de métodos indígenas para o manuseio de plantas, seja para o uso medicinal como para pigmentação de tecidos, o manejo de plantas silvestre, dentre outros ensinamentos (*O PATRIOTA* 1813 – 1814).

Muitos desses textos não foram escritos pelos membros que compunham o jornal, mas são textos reescritos, sendo que muitos deles foram produzidos originalmente no âmbito de expedições que foram encomendadas pelas elites administrativas para inventariar o território pertencente a Coroa Portuguesa, especialmente do período administrativo regido por Pombal e Dom Rodrigo de Souza Coutinho.

A partir desta pesquisa busca-se problematizar a produção das memórias científicas do *O Patriota* que abordam temáticas referentes a ciência e saberes tradicionais indígenas. Vale salientar que não é pretensão traçar uma linha imaginária dividindo os saberes, na

---

<sup>1</sup> Letícia Lemes da Silva, mestranda em Ciências Sociais UFRRJ

qual de um lado está a ciência e do outro os saberes tradicionais indígenas. Buscamos aqui compreender os processos de ressignificação dos saberes em que as memórias científicas publicadas neste periódico são o resultado da interação de formas diversas de conhecimentos.

Espera-se evidenciar que a produção científica produzida no Brasil dos séculos XVIII e XIX não está vinculada apenas ao modelo iluminista europeu, como se o paradigma das ciências europeias tivesse sido simplesmente transplantados da Europa para o Brasil sem qualquer transformação. Acredita-se justamente no contrário, que houve um processo de ressignificação, no qual os agentes que buscaram fazer ciência no Brasil naquele período, mesmo procurando seguir os padrões das ciências produzidas na Europa, estavam dialogando com os saberes tradicionais indígenas locais.

### ***O Patriota, seu contexto histórico e o saber tradicional indígena***

Em meados do século XVIII a administração do império Português adquiriu novos contornos, por meio do ministério de Pombal. Uma significativa medida foi implementada por diversos governantes e vassallos ilustrados na administração pombalina - a de inventariar as diversas riquezas naturais da principal colônia portuguesa, na tentativa pragmática de torná-la mais produtiva para a Coroa e colonos (SILVA, 2014: 47).

Pretendia-se que a ignorância fosse substituída por conhecimentos científicos, proporcionando a divulgação de temas relevantes para a instrução da população (SILVA 2014: 47). Expedições foram organizadas durante a metade do século XVIII e início do XIX, buscando catalogar os recursos naturais, especialmente dos sertões, terras pouco conhecidas. A realização de censos sobre o número de colonos, escravos e indígenas fora solicitada aos governadores das capitanias, além do registro dos grupos indígenas encontrados ao longo das expedições (SILVA, 2014: 48).

O conhecimento tornar-se-ia uma importante ferramenta para a administração colonial, precisava-se conhecer para tomar decisões. Outra figura importante do movimento das luzes luso-brasileira é o fidalgo português D. Rodrigo de Souza Coutinho, que normalmente é abordada pela perspectiva de sua importância política e econômica. Outra dimensão de sua atuação, no entanto, permanece pouco abordada, a saber, a sua “política científica” (CAROLINO, 2014: 192).

Trabalhos que discutem esse aspecto da atuação política do fidalgo, como o de M. B. Nizza da Silva e J. L. Cardoso, “chamaram a atenção para a importância de princípios

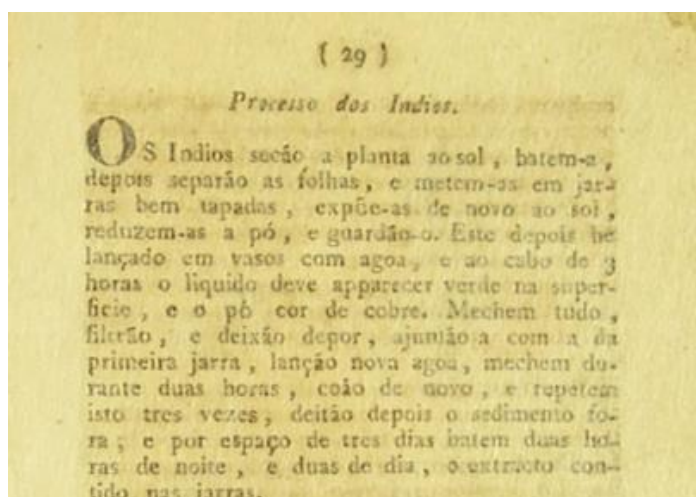
iluministas como aplicação de saberes científicos e técnicos tiveram no contexto do [seu] pensamento e a ação” (CAROLINO, 2014: 192). Estavam presentes na política de D. Rodrigo instruções para os governadores das capitanias de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo, para explorarem os recursos naturais de maneira mais eficiente, e o seu patrocínio às expedições objetivando a um melhor conhecimento das potencialidades dos recursos das capitanias (CAROLINO, 2014: 192).

Dom Rodrigo foi mecenas da geração de intelectuais que fundou o *Jornal O Patriota*, cujo o qual teve como redator Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, que tinha Dom Rodrigo como mecenas. O empreendimento de um jornal no Brasil no início do século XIX não foi tarefa fácil. Tal trabalho correspondia em inúmeros percalços:

Caminhos interrompidos uniram-se às tentativas de registrar palavras para um punhado de leitores, uma vez que apesar de a imprensa ter, desde o século XVIII, um papel importante na divulgação de informações e influência sobre a ainda incipiente opinião pública, sobretudo na Europa, aqui quase tudo estava por ser feito (FERREIRA, 2007: 41).

Apesar das dificuldades que a imprensa nascente enfrentava, o jornal manteve-se em circulação por dois anos. Aspecto importante deste periódico é que tudo que foi escrito em *O Patriota* traz em seu teor forte engajamento de estudiosos preocupados em ensinar, traçar caminhos, possibilidades, que proporcionassem o sucesso do estabelecimento das publicações no Brasil, cujo o desenvolvimento desta cultura ainda era novo (FERREIRA, 2007: 41).

Em meio as 18 publicações do *O Patriota*, é encontrado inúmeras memórias científicas, e algumas delas tratam de temas relativos a cultura indígena. A imagem a seguir, retrata uma passagem de uma memória intitulada *Noções sobre a cultura, e fabrico do Anil, e Analize desta matéria colorante, e do Pastel*, o trecho abaixo é nomeado com subtema: *Processo dos Índios*.



No trecho acima extraído do periódico, o autor descreve um método para extrair o anil de plantas, além desta memória, existem outras memórias científicas que tratam de beneficiamentos de plantas próprios da cultura indígena. Segundo Lorelay Kuy o avanço do conhecimento técnico estava diretamente atrelado a uma ideia de desenvolvimento local e, a ilustração iluminista tinha um caráter intervencionista na realidade, não se restringindo apenas a filosofia (KURY, 2011: 216)

Levando em consideração tão questão, devemos pensar que em meio as técnicas que se pretendiam ensinar ao público leitor, estavam inseridos os saberes tradicionais indígenas. Para esses homens da República das Letras que viviam nos trópicos<sup>2</sup>, as ciências e as artes tinham de ser desenvolvidas em terras brasílicas e por homens que nelas nasceram, pretendeu-se formar uma ciência brasílica sobre si, e para si.

Tomemos como exemplo o trabalho do historiador Luiz Carlos Soares que sustenta a tese que a ilustração na Inglaterra significou muito mais que mera fascinação pela Tecnologia ou Ciência Aplicada em meados do séc. XVIII, afirma que:

Esta foi sem nenhuma dúvida, um fator importante que se articulou às mudanças econômicas do país e à emergência, a partir dos anos 1780, da primeira potência industrial da história. Todavia, a hipótese que sustentaremos, aqui, entende inclusive que o fenômeno da Revolução Industrial não pode ser analisado sem o estabelecimento de uma relação íntima entre o processo de transformação econômica e os anseios de mudança política, intelectual e cultural surgidos nos meios ilustrados ingleses, formados sobre tudo, por aqueles setores das *middle classes* (classes médias), emergentes, com o grande desenvolvimento econômico e comercial, mas ainda considerados *outsiders* em relação à ordem aristocrática vigente (Soares 2007: 22).

Assim como na Inglaterra, o movimento ilustrado luso-brasileiro proporcionou significativas transformações nas estruturas socioculturais da sociedade brasileira do século XVIII e XIX. O conhecimento científico tornou-se uma importante ferramenta para transformar a antiga colônia numa sede imperial digna para a monarquia. Dentro deste contexto, compreende-se como necessário a problematização das relações do mundo letrado imperial com o saber tradicional indígena, que diversas vezes acaba passando despercebido, porém é de grande relevância para a sociedade brasileira, especialmente para as populações indígenas. Em particular na perspectiva de valorizar o

---

<sup>2</sup> Não podemos esquecer, que a maioria dos homens da chamada geração de 90, termo cunhado por [Kent Maxwell](#), viveram e tiveram sua formação na Europa. Foram indivíduos que estiveram em constante trânsito além mar, como o caso de José Bonifácio. Para saber mais, ver em: VARELA, Alex Gonçalves. Livros, leituras, impressos, bibliotecas e coleções na trajetória do naturalista e homem público José Bonifácio de Andrada e Silva (1780-1838). In: FERREIRA, Tânia Bessone da Cruz. RIBEIRO, Gladys Sabina. GONÇALVES, Monique de Siqueira. *O Oitocentos entre livros, livreiros, Impressos, missivas e bibliotecas*. São Paulo: Alameda, 2013.

papel das comunidades indígenas no processo histórico de construção das ciências no Brasil.

### ***Populações tradicionais indígenas e seus saberes***

Conceituar a expressão populações tradicionais não é tarefa fácil, trata-se de uma terminologia recente e segundo Manuela Carneiro da Cunha propositalmente abrangente, no entanto tal abrangência não pode dar lugar a uma confusão conceitual (CUNHA, 2001: 1).

Ao compreender a tradição como elemento fundamental para definir as populações tradicionais estaríamos sendo contraditórios com os conhecimentos da antropologia atual. Ou defini-las simplesmente como populações que pouco degradam o ambiente afirmando que são ecologicamente sustentáveis estaríamos sendo redundantes. Segundo Cunha a melhor maneira de definir populações tradicionais é de maneira extensional; “isto é, enumerando seus "membros" atuais, ou os candidatos a "membros". Esta abordagem está de acordo com a ênfase que daremos à criação e à apropriação de categorias. E o que é mais importante, aponta para a formação de sujeitos através de novas práticas” (CUNHA, 2001: 1).

Com maestria Manuela C. Cunha mostra-nos como as terminologias e expressões, índio, indígena, tribal, nativo, aborígene e negro foram criações do processo de colonização, categorias estereotipadas, que apesar de seu caráter artificial e genérico, esses “termos foram sendo aos poucos habitados por gente de carne e osso” (CUNHA, 2001: 1). O que inicialmente foi um processo exercido pela força, onde grupos foram obrigados a ocupar um território conceitual, posteriormente muitos povos passaram a apropriar-se desses território como bases de identidades próprias. (CUNHA, 2001: 1).

Ao tratar das da gênese das etnicidades na Amazônia contemporânea numa perspectiva de teatralidade alienada ou sônica, seria um exercício de fato simplista, como salienta Bruce Albert. Segundo ele, essa gênese da etnicidades:

“[...] revela, longe disso, todo um processo político-cultural de adaptação criativa que gera as condições de possibilidade de um campo de negociação interétnica onde o discurso colonial possa ser contornado ou subvertido. A intertextualidade cultural do contato nutre-se tanto desta etnopolítica discursiva quanto das formas retóricas (negativas ou positivas) pelas quais os brancos constroem "os índios". Porém, ela não se limita apenas às imagens recíprocas de índios e brancos. A auto definição de cada protagonista alimenta-se não só da representação que constrói do outro, mas também da representação que esse outro faz dele: a auto representação dos atores interétnicos constrói-se na encruzilhada da imagem que eles têm do outro e da sua própria imagem espelhada no outro” (ALBERT, 1965: 3)

A partir das proposições de Albert, vê-se que mesmo em meio a condições de operação do regime colonial que os foram e ainda são submetidos, os povos indígenas encontram soluções criativas para subverterem aquilo lhes foi imposto a partir de um discurso colonial. Em meio ao jogo de categorização de brancos e índios, os últimos conseguem se apropriar dessas categorias que lhes são impostas em prol de suas próprias lutas, subvertem aquilo que em determinado os inferiorizavam agora contribui para fortalecer suas lutas.

Em relação a expressão “populações tradicionais” Manuela C. Cunha afirma:

[..] ainda está nas fases iniciais de sua vida. Trata-se de uma categoria pouco habitada, mas já conta com alguns membros e com candidatos à entrada. Para começar, tem existência administrativa: o "Centro Nacional de Populações Tradicionais", um órgão do IBAMA. Inicialmente, a categoria congregava seringueiros e castanheiros da da Amazônia. Desde então expandiu-se, abrangendo outros grupos que vão de coletores de berbigão de Santa Catarina a babaçueiras do sul do Maranhão e quilombolas do Tocantins. O que todos esses grupos possuem em comum é o fato de que tiveram pelo menos em parte uma história de baixo impacto ambiental e de que têm no presente interesses em manter ou em recuperar o controle sobre o território que exploram. Mas acima de tudo, estão dispostos a uma negociação: em troca do controle sobre o território, comprometem-se a prestar serviços ambientais (CUNHA, 2001: 2)

Quando usamos a terminologia saberes tradicionais indígenas, estamos nos referindo aos conhecimentos desenvolvidos e utilizados durante séculos pelas populações que atualmente categorizamos como populações tradicionais, dentro do contexto deste trabalho tratamos dos saberes dos povos indígenas. Pois como visto anteriormente, a expressão “populações tradicionais” é de veras abrangente, abrangendo outras populações, como quilombolas, seringueiros, dentre outros.

O debate acerca dos conhecimentos tradicionais indígenas, assim como o de outras populações tradicionais passaram a ocupar a agenda dos estudos antropológicos, porém esses debates vão além das discussões teóricas realizadas nos espaços acadêmicos no Brasil.

Essa temática constitui importante agenda do movimento social indígena, que luta por transformações nas políticas públicas. A definição de conhecimento tradicional/indígena, ou seja, os conhecimentos pertencentes a esses grupos, é fundamental para a manutenção dos direitos das comunidades tradicionais. Vemos frequentemente em revistas e jornais casos de disputas territoriais entre grupos indígenas e proprietários de terras, porém, as lutas dos movimentos indígenas vão além das disputas por seu território que se vê constantemente ameaçado, estendendo-se até o âmbito epistemológico. Como é o caso, por exemplo, de algumas ervas medicinais, utilizadas há

séculos pelas comunidades indígenas, e que hoje são usurpadas das florestas pelas grandes indústrias farmacêuticas, e na maioria dos casos as populações tradicionais nada recebem em troca.

Manuela elucida com clareza a atuação dos povos indígenas no mercado econômico, e como a informação tornou-se tão valiosa:

Tampouco o mercado onde hoje atuam as populações tradicionais é o mesmo de ontem. Até recentemente, as sociedades indígenas, para obter renda monetária, precisavam de mercadorias de primeira geração: matérias-primas como a borracha, castanha-do-pará, minérios e madeira. Pularam a segunda geração de mercadorias com valor agregado industrial, e mal passaram pelos serviços ou mercadorias de terceira geração. E começam a participar da economia da informação -- as mercadorias de quarta geração -- através do valor agregado ao conhecimento indígena e local. E entraram no mercado emergente de "valores da existência", tais como a biodiversidade e as paisagens naturais (CUNHA, 2001: 16)

No que diz respeito ao conhecimento tradicional a antropóloga Manuela C. da Cunha indica que o interesse pela temática conhecimento tradicional se encontra hoje evidente por toda parte, desde o Banco Mundial como a Organização Mundial da Saúde, na FAO, a OMPI e a Unesco, como em áreas não oficiais, como a culinária. A autora salienta que é importante o reconhecimento e valorização de todos os sistemas de conhecimento, porém, adverte que por meio do escambo desses conhecimentos evita-se a integração desses em seus sistemas. A ideia antropológica para sua proteção é que sejam preservadas as estruturas específicas; “o que interessa a todos é, no fundo, a convivência dos diversos sistemas de conhecimentos” (CUNHA, 2012: 41 - 42).

Como tratado ao longo do texto até aqui, atualmente vemos a inserção crescente dos povos indígenas no meio econômico da informação, a valorização dos saberes e determinadas práticas desses povos vem a cada dia despertando mais interesses do mercado industrial, farmacêutico, e muitos outros setores econômicos. No entanto, é nosso objetivo demonstrar aqui que tal conjuntura não dispõe-se exclusivamente na contemporaneidade, o interesse pelos saberes dos povos indígenas existe desde a colonização. E o intercâmbio entre estes diferentes conhecimentos produziu as bases das ciências brasileiras.

### ***A redes que compõe o mundo científico***

O antropólogo Diego S. Silveira em *Bioprospecção de plantas medicinais amazônicas e a produção de fitoterápicos: farmacognosia, rede e ontologia*, mapeia as diversas redes que são estabelecidas e estruturam o mundo das ciências, seu trabalho tem como base teórica os conceitos desenvolvidos por Bruno Latour. Em seu trabalho,

Silveira realizou sua pesquisa de campo em um laboratório farmacêutico no Amazonas, no qual acompanhou o trabalho dos pesquisadores que ali atuavam.

O trabalho de Silveira permite-nos compreender as redes que são construídas no mundo das ciências e como elas são essenciais para o fazer científico. A pesquisa cuja a qual o Silveira acompanhou para a realização de sua pesquisa, baseava-se em produzir produtos farmacológicos a partir de extratos de plantas utilizados pela comunidade ribeirinha localizada nas proximidades de Manaus (SILVEIRA, 2012).

A partir do conhecimento tradicional ribeirinho os pesquisadores buscavam identificar e separar princípios ativos que pudessem ser úteis na produção farmacêutica. A princípio, à olhares leigos qual a complexidade e as dificuldades que envolvem o trabalho do pesquisador se não seu próprio trabalho? Assim como Latour, Silveira mapeou e identificou a rede e seus pontos de intersecção que estruturavam as bases do laboratório manauara, demonstrando que a complexidade de um laboratório vai além do manejo dos reagentes, tubos de ensaios, monitoramentos de reações químicas, etc., até a chegada do estágio de atuação dentro do laboratório o caminho percorrido até ali foi longo (SILVEIRA, 2012).

Até as plantas chegarem à bancada do laboratório para terem seus substratos extraídos o laboratório inicialmente teve de ser montado, equipamentos adquiridos, pesquisadores interessados no projeto, não mesmo importante a arrecadação de financiamentos. Para tal tarefa árdua, projetos foram submetidos a órgãos de fomento, negociações com setores privados, e caminhos outros foram percorridos para a arrecadação financeira (SILVEIRA, 2012).

No processo de coleta de dados e o compartilhamento dos saberes tradicionais da comunidade ribeirinha com os pesquisadores negociações tiveram de ser feitas, uma vez que a ideia do professor Edson, responsável pelo projeto não baseava-se apenas em apropriar-se dos saberes tradicionais e a partir desses dados extrair os substratos necessários. Havia a preocupação em proporcionar mais opções de renda para a população ribeirinha a partir da extração de plantas, ou seja, que a partir do desenvolvimento da pesquisa a população ribeirinha também obtivesse benefícios (SILVEIRA, 2012).

De maneira geral, a pesquisa de Silveira defende a ideia de que as ciências são constituídas por inúmeras redes e que aqueles que exercem o ofício de pesquisador científico tem de seguir determinados caminhos que são definidos pelas estruturas do campo científico (BOURDIEU apud GARCIA: 1996), e ao longo de suas carreiras vão construído suas próprias redes. Quanto maior a rede de um pesquisador, maior sua



capacidade de pleitear recursos para a realização de suas pesquisas, recursos esses que não se limitam a financeiros, referimo-nos também ao capital humano. Quanto maior o grau de formação de um pesquisador, maior o número de outros pesquisadores ligados a ele, como por exemplo a relação orientador e orientados, onde aquele com maior grau de formação exerce papel de responsabilidade por aqueles que orienta.

Essa configuração das ciências em redes, não limita-se ao mundo científico contemporâneo, através do periódico supracitado, percebeu-se que a configuração do mundo intelectual e científico que estava em processo de estruturação no Brasil ao longo dos séculos XVIII e XIX, também apresentavam essa disposição em redes.

Essa configuração em redes tona-se perceptível ao analisar-se o grupo que foi responsável pela fundação e circulação do periódico *O Patriota*, além da figura do redator, outras centenas de pessoas estavam envolvidas neste trabalho, espalhadas por todo o Brasil, considerando-se não apenas os colaboradores, mas também subscritores e leitores, que certamente compunham a maioria desses dois grupos, escritores e subscritores (MOREL, 2007: 24). Quanto ao papel do redator, Manoel Ferreira de Araújo Guimarães, além de escrever, atuava como uma espécie de catalisador desses diversos indivíduos e agrupamentos que escreviam para o periódico (MOREL, 2007: 23).

Para Morel, a partir das listas de assinantes e colaboradores, recurso importante para compreender o universo formado pelos sujeitos envolvidos na fundação e circulação deste periódico representa mais que um encontro de letrados. Por meio dela podemos identificar:

[...] a consolidação de alianças que aproximassem essa elite cultural das elites dirigentes e dominantes. Esses homens de letras buscavam uma integração com outros grupos de poder, que não interligavam necessariamente o campo cultural. Enquanto essa articulação específica durasse, duraria o jornal (MOREL, 2007: 32)

Nessa perspectiva, o periódico surgiu como uma ação que visava a adequação e concretização de um campo público cultural moderno que funcionava como instrumento de articulação social, embasado numa trama de contatos e cultura intelectual, ou seja, no contexto dos ensaios de formação de uma República de Letras no mundo luso-brasileiro, com ênfase na América, a então sede da monarquia Lusitana (MOREL, 2007: 32).

Segundo Morel, o surgimento do *O Patriota* foi possibilitado por um contexto onde o fidalgo D. Rodrigo de Souza Coutinho era figura central, Conde de Linhares “afilhado de batismo e herdeiro político de Pombal e seu “despotismo ilustrado” (MOREL, 2007: 33). Ou seja, o surgimento de um veículo de difusão de conhecimento

científico só foi possível a partir de uma rede de sujeitos com interesses no desenvolvimento das ciências, sujeitos estes, numa perspectiva bourdiana, dotados de capitais simbólicos que os permitiram constituir redes que alicerçaram suas ações no campo científico (BOURDIEU: 1989).

### ***Saberes tradicionais indígenas e sua importância para nossa ciência***

Como demonstra o linguista J. Bessa:

O patrimônio cultural indígena não está restrito ao aspecto material. Há um vasto volume da produção não-material, estritamente simbólica, demonstrada pelo uso e manipulação da linguagem: tradição oral, mitos, cantos, os sistemas religiosos e especialmente, os saberes condensados nas etnociências (BESSA, s/d).

O etnobiólogo Darrel Posey, por sua vez, estudou a etnobotânica dos Kayapó, e afirma que “o conhecimento tradicional dos índios possibilita determinadas opções mais viáveis e prósperas para a efetivação de ações sustentáveis dos recursos naturais nos trópicos” (*apud* BESSA s/d).

Como afirma Bessa:

"se o conhecimento do índio for levado a sério pela ciência moderna e incorporado aos programas de pesquisa e desenvolvimento, os índios serão valorizados pelo que são: povos engenhosos, inteligentes e práticos que sobreviveram com sucesso por milhares de anos na Amazônia”.

A partir desse diálogo seria viável a criação de uma “ponte ideológica” entre culturas, que “poderia permitir a participação de povos indígenas, com o respeito e a estima que merecem, na construção de um Brasil moderno.” (POSEY 1992: 43 *apud* BESSA). Os povos indígenas a partir de suas ciências classificaram a flora e a fauna, com aparato lógico equivalente aos métodos científicos ocidentais, dando-lhes significados (BESSA s/d).

A partir dos apontamentos de Bessa podemos perceber a complexidade e riqueza dos saberes indígenas, e através de determinados desdobramentos históricos podemos perceber que tal valor fora percebido pelas elites administrativa e intelectual. A presença dos saberes tradicionais/indígenas em jornais de importância como *O Patriota*, em livros, e em outros meios de divulgação de conhecimento que foram publicados entre os séculos XVIII e XIX indicam que neste período é evidente uma valorização dos saberes indígenas.

Contudo, vale salientar que quando afirmamos que existia uma conjuntura intelectual que contribuiu para evidenciar um processo de valorização do conhecimento índio, e de muitos outros elementos nativos do Brasil, tal aspecto pode corroborar para a ideia de uma cultura intelectual e administrativa que se preocupava em valorizar as potencialidades brasílicas e de suas populações nativas.

Porém, não podemos nos deixar levar pelo aspecto romântico da questão, como se a valorização do conhecimento indígena revertesse na própria valorização dos indivíduos índios. No entanto, quando falamos em valorização do conhecimento indígena nos referimos que as elites intelectual e administrativa reconheciam o potencial deste saber, e isso não implicava na valorização dos sujeitos. Inúmeras vezes o conhecimento indígena foi usurpado e utilizado em prol da multiplicação da riqueza monárquica.

Em nossa sociedade brasileira contemporânea, o senso comum muitas vezes não é nada gentil com os indígenas, para muitas pessoas eles são preguiçosos, aproveitadores, ignorantes, enfim, inúmeros são os termos pejorativos que são utilizadas para caracterizá-los. Durante muito tempo a capacidade intelectual de grupos sociais marginalizados foram negadas, silenciadas, colocadas à margem junto de seus detentores.

Desde a década de sessenta e setenta vê-se um movimento crescente nas ciências humanas que deslocam seus olhares para as margens da sociedade, passa-se a se falar sobre aqueles que por muito tempo nada foi dito, passou-se então a discutir nos meios acadêmicos e intelectuais sobre os marginalizados, degenerados, subalternos da sociedade. Porém, muito ainda tem de ser feito, e espera-se que esta pesquisa contribua com a valorização dos saberes tradicionais/indígenas, e que se reconheça que sem a sabedoria dos povos indígenas muito da ciência brasileira não seria possível.

## BIBLIOGRAFIA

ALBERT, Bruce. O ouro canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza. Brasília, UNB, Série Antropologia n. 174, 1965. Disponível em: <<http://sis.funasa.gov.br/portal/publicacoes/pub405.pdf>>.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

CAROLINO, Luís Miguel. Dom Rodrigo de Souza Coutinho, a ciência e a construção do império luso-brasileiro: a arqueologia de um programa científico. In: Org. GESTEIRA, Heloisa Meireles. CAROLINO, Luís Miguel. & MARINHO, Pedro. *Formas do Império: Ciência, tecnologia e política em Portugal e no Brasil. Séculos XVI ao XIX*. Rio de Janeiro /RJ – São Paulo/SP. Paz e Terra, 2014, p. 47.

CUNHA, Manuela Carneiro. Questões suscitadas pelo conhecimento tradicional. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2012, V. 55, Nº 1. P. 439- 464.

FERREIRA, Tânia Maria. T. B. C. Redatores, livros e leitores em O Patriota (2007). In: KURY, Lorelay. *Iluminismo e império no Brasil, O Patriota (1813 - 1814)*. Coleção História e Saúde, Clássicos e Fontes. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007, p. 41-66.

FREIRE, José Ribamar Bessa. O patrimônio cultural indígena. Disponível em: [http://www.miniweb.com.br/Historia/Artigos/i\\_contemporanea/PDF/patrimonio\\_indio.pdf](http://www.miniweb.com.br/Historia/Artigos/i_contemporanea/PDF/patrimonio_indio.pdf) (acesso em 26 de janeiro de 2015)

KURY, Lorelay. A Ciência útil em O Patriota (Rio de Janeiro, 1813-1814). Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 115-124, jul | dez 2011.

MOREL, Marco. Pátrias Polissêmicas: Repúblicas das Letras e Imprensa na crise do Império Português na América. In: KURY, Lorelai. *Iluminismo e império no Brasil, O Patriota (1813 - 1814)*. Coleção História e Saúde, Clássicos e Fontes. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Um grande inventário da natureza: políticas da Coroa em relação ao Brasil na segunda metade do século XVIII. In: GESTEIRA, Heloisa Meireles. CAROLINO, Luís Miguel. & MARINHO, Pedro. *Formas do Império: Ciência, tecnologia e política em Portugal e no Brasil. Séculos XVI ao XIX*. Rio de Janeiro /RJ – São Paulo/SP. 1ª Edição. Paz e Terra, 2014.

SILVEIRA, Diego Soares da. Bioprospecção de plantas medicinais amazônicas e a produção de fitoterápicos: farmacognosia, rede e ontologia. In: \_\_\_\_\_. *Redes sociotécnicas na Amazônia: tradução de saberes no campo da biodiversidade*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012. p.41-76.

SOARES, Luís Carlos. Novas perspectivas para os estudos sobre a ilustração inglesa. In: *A Albion revisitada. Ciência, religião, ilustração, e comercialização do lazer na Inglaterra do século XVIII*. Rio de Janeiro, RJ: 7 Letras, 2007.

VARELA, Alex Gonçalves. Livros, leituras, impressos, bibliotecas e coleções na trajetória do naturalista e homem público José Bonifácio de Andrada e Silva (1780-1838). In: FERREIRA, Tânia Bessone da Cruz. RIBEIRO, Gladys Sabina. GONÇALVES, Monique de Siqueira. *O Oitocentos entre livros, livreiros, Impressos, missivas e bibliotecas*. São Paulo: Alameda, 2013.

GARCIA, Maria Manuela Alves. O campo das produções simbólicas e o campo científico em Bourdieu. Cad. Pesq., São Paulo, n. 97, p.64-72, maio 1996.

**Fontes:**

ZAIDMAN, D. & RODRIGUES, J. H. (Orgs.) *O Patriota 1813-1814: índice histórico*. Niterói: UFF/Ceuff, 1978. (Mattoso Maia)

O PATRIOTA. Rio de Janeiro, Impressão Régia, 1813-1814.